

3

O Discreto e a sociedade de corte

Para se entender melhor os textos de Gracián e para que os conceitos neles inseridos sejam trabalhados de um modo mais preciso e consistente é importante considerar distintos conceitos de Barroco. Autores consagrados já estudaram o tema, mas a compreensão de cada um deles é muito variável. Portanto, é fundamental estabelecer uma seleção daqueles cujas interpretações possuem algum diálogo para enriquecer esta discussão e para criar uma noção própria do termo neste trabalho.

Partindo das reflexões de uma referência clássica como José Antonio Maravall, em a *Cultura do Barroco*, podemos entender o Barroco como um conceito histórico, compreendido pelos três primeiros quartos do século XVII. Ou seja, uma fase da evolução do Estado Moderno, com características próprias no âmbito social e político. É um período rico que pode ser entendido como possuidor de uma cultura própria e que estende a todas as manifestações culturais por isso, segundo ele, o Barroco não pode ser entendido apenas com referências à história da arte ou à história das idéias, mas à história social.¹ Esta cultura própria nos oferece as linhas fundamentais de interpretação desta sociedade e dos homens barrocos, pois esta produção cultural é dirigida para homens com o objetivo de determinar o comportamento entre os mesmos e em relação à sociedade, de modo a preservar a mesma. Diante desta compreensão é possível perceber uma aproximação entre Acker e Maravall, na medida em que ambos determinam a existência de uma produção cultural no período que engloba, não apenas artes visuais, mas também as literárias – ainda que neste trabalho apenas o aspecto literário esteja sendo abordado. Esta produção artística durante o século XVII contribui na formação de uma das vias de acesso e conhecimento do período.

¹ MARAVALL, *Cultura do Barroco*, p.24

Em resumo, o Barroco é um conjunto de meios culturais de tipos muito variados, reunidos e articulados para operar adequadamente com os homens, tal como são compreendidos, eles e seu grupo, (...) afim de mantê-los integrados no sistema social.²

Ainda segundo Maravall, no livro *Estúdios de Historia del Pensamiento Español*, Maravall o Barroco aparece definido do seguinte modo: “... uma época de la cultura europea en la que le drama del hombre de desarrolla en primer término”³, portanto, o Barroco pode ser entendido, ainda, como um período que é caracterizado pela tensão e pelas extremidades.

Philippe Beaussant define a sociedade barroca como sendo um conjunto de manifestações da vida que de algum modo são teatralizada, privilegiando e exaltando no homem o espetáculo que ele apresenta aos olhos dos outros.⁴ Helmut, por sua vez, apresenta o tema barroco como sendo útil na representação da manifestação cultural do espírito da reforma católica e do absolutismo no âmbito político, segundo seu pensamento existem outros temas que podem ser considerados barrocos, por conta de uma analogia, “como (...) instabilidade, movimento, máscara e disfarce.”⁵

No entanto, para Giulio Carlo Argan, o “Barroco continuava ligado sobretudo ao domínio da arte como manifestação sensível do movimento, do ritmo e dos valores da existência.”⁶ Segundo o autor, o Barroco não deve ser entendido como uma época de decadência, mas sim de um momento de transformação da razão natural para uma razão artificial ou social: um momento de passagem.⁷ Segundo o autor, o Barroco apresenta uma irracionalidade artificiosa, - uma renúncia consciente da razão natural - pois o irracional barroco é calculado e desejado, de modo que não pode ser apresentado como algo independente da interpretação e do disfarce citados acima, pois é a própria racionalidade do homem barroco que constrói o irracionalismo.

Não é apenas o irracionalismo deste período que calculado e criado pelos homens; a retórica e o artifício também são. A retórica não era utilizada pela artista ao acaso, ao contrário ela sempre aparece vinculada a um objetivo, seja ele político ou religioso. No

² MARAVALL, *Op. Cit.*, p.120

³ MARAVALL, *Estudios de Historia del Pensamiento*, p. 339

⁴ BEAUSSANT, *Versalles, Opéra*, P. 39

⁵ HATZFELD, *Estudos sobre o Barroco*. p. 291

⁶ ARGAN, *Imagem e Persuasão*, p. 47.

⁷ ARGAN, *Idem*, p. 46.

caso da Igreja católica este mecanismo foi amplamente utilizado como técnica de persuasão dos fiéis, basicamente como uma propaganda religiosa.⁸ De acordo com Argan, o engenho e a capacidade criativa do artista passam a ser valorizados e a Igreja percebe a importância deste movimento e usa-o a seu favor. Estes fatores levam a revalorização da imagem durante o período do barroco e, portanto, aproximação entre as artes visuais com valores cristãos, ou mesmo políticos, uma vez que a utilização de imagens para transmitir conceitos se tornou comum também a monarquia absolutista.

O Barroco pode ser considerado, ainda, como sendo uma tentativa de substituir o hendoísmo renascentista, por outros valores voltados para a espiritualidade do ser humano, deixando para trás o antropocentrismo do Renascimento.⁹

Para esclarecer este ponto é importante retomar o conceito de Renascimento para esclarecer este ponto. O Renascimento trouxe à consciência dos homens o fato deles não serem apenas uma criação de Deus, mas ao contrário, eles próprios possuíam a capacidade de criar e transformar. Esta faculdade de criação permitia uma certa intervenção do homem moderno no mundo que havia sido criado por Deus. A consciência da possibilidade de criação permitiu a estes homens valorizar as marcas artificiais, características dos assuntos humanos, mundanos. A noção de artifícios estava presente em diferentes aspectos da vida dos homens, seja na política ou na forma de sociabilidade.

É importante ter em mente, portanto:

Tal como eram entendidas no período, as noções de arte e artifício referiam-se às criações humanas, distinguindo-as das coisas naturais, isto é daquelas que existiam desde sempre. As discussões sobre fado, destino e fortuna, que tanto interesse despertaram naquele momento, refletiam esta compreensão, bem como as especulações acerca do grau de liberdade e da competência desta intervenção. A escolha de um determinado passado como modelo para a reorganização do presente- atitude diante da história inédita até então- exemplifica a magnitude da experiência de liberdade vivenciada pelos homens do Renascimento.¹⁰

O Renascimento permite que o homem tome consciência de que é possível diferenciar as ações dos homens daquelas divinas. É a partir desta capacidade de

⁸ ARGAN, *Imagem e Persuasão*, p. 37.

⁹ Hendoísmo entendido aqui como uma doutrina moral que considera ser o prazer a finalidade da vida. HATZFELD, *Op. Cit.*, p.74

¹⁰ CAVALCANTE, *Modernas Tradições*, p. 11

distinção que o homem moderno pode destacar a atividade humana sobre o mundo: o artifício.

Assim, a noção de artifício desenvolvida no século XVI prolonga-se no século seguinte, ou seja, a descoberta renascentista que o homem possui a capacidade de se modelar e agir no mundo permitiu que o século XVII fosse marcado pela criação de uma forma artificial de sociabilidade – a corte.

Argan diferencia o Barroco do Renascimento, ressaltando que no século XVII há um desprezo e uma tensão frente à razão natural. No Barroco existe uma razão mais artificial, o artifício passa a ser usado pelo homem com mais frequência, cria-se, então, uma razão social. Por isso, a tese de decadência do século XVII é descartada aqui, “o século XVII é simplesmente a inevitável fase de passagem entre um racionalismo e outro (...)”¹¹ Deixa-se de lado a razão natural, tão em voga no século XVI e forma-se uma “racionalidade” da corte que se caracteriza por uma estratégia calculada de comportamento, baseada na possibilidade de aumento ou diminuição do prestígio social¹². A razão humana possibilita um grau de divinização do homem, pois permite ao homem deixar e valorizar marcas artificiais no mundo natural criado por Deus.

Para Jorge Ayala¹³, o Barroco deve ser compreendido em associação ao movimento contra-reformista, pois assim seria possível uma compreensão mais abrangente sobre o período. No século XVIII os filósofos das Luzes viam o Barroco como um período confuso e, portanto, atribuíram a ele um sentido pejorativo. A recuperação do Barroco, segundo o autor, se deu em meados do século XIX primeiro com Jacob Burckhardt e depois com Heinrich Wölfflin.¹⁴

Hauser, por sua vez, trabalha com o Barroco de uma maneira mais voltada para a história da arte e segundo ele:

o barroco é a expressão de uma cosmovisão intrinsecamente mais homogeneia, mas que assume grande variedade de formas nos diferentes países europeus. (...) o barroco (...) engloba tantas ramificações do esforço artístico, apresenta-se em formas tão diferentes de país para país e nas várias esferas da cultura, que a primeira vista parece duvidoso que seja possível reduzi-las todas a um denominador comum.¹⁵

¹¹ ARGAN, *Op. Cit*, p.47

¹² ELIAS, *A Sociedade de Corte*, p. 110

¹³ AYALA, *Pensadores Aragoneses – Historia de las ideas filosóficas en Aragón*

¹⁴ AYALA, *Idem*, p. 293

¹⁵ HAUSER, *História Social da Arte e da Literatura*, p. 442.

No caso espanhol, as artes visuais e a literatura não se encontram em discordância, muito ao contrário, há em ambos a intenção de defender a fé católica ao mesmo tempo em que glorificam a monarquia absoluta de Filipe IV (1621-1665).¹⁶ O Barroco é, assim, um período onde a tensão vivida pelo homem assume forma artística. Na pintura ela se expressa pelo trabalho com as sombras e a dicotomia entre claro e escuro. Na arte escrita, tendo como referência Gracián esta tensão revela-se nos aspectos religiosos entre o bom e mau cristão, entre aqueles que possuem fé ou não, ou seja, entre os aspectos positivos e negativos dos homens. Em ambos os casos o que se pode notar é a tensão e as extremidades sendo trabalhadas por homens que as viviam intensamente.

Há ainda uma conceituação do Barroco que resume algumas idéias destas diferentes compreensões, pois segundo Cavalcante, o Barroco pode ser caracterizado pela convivência de diferentes aspectos:

acirramento das tensões e dos conflitos decorrentes da quebra da unidade religiosa, dos processos no campo do conhecimento, e das novas experiências propiciadas pela vivência em sociedade que ampliavam seus horizontes para além do acanhado espaço da vida nas comunidades predominantemente rurais.¹⁷

Deste modo, pode-se entender o Barroco como ainda ligado a manifestação do sensível, como afirma Argan, ao mesmo tempo em que se relaciona ao âmbito social, de acordo com o pensamento de Maravall, mas sem deixar de lado que existe um aspecto filosófico, político, moral e cultural. É um momento em que se articulam os mais diferentes aspectos da vida do indivíduo, é quando a tensão entre os aspectos terrenos e os divinos, questões que eram questionadas desde o Renascimento se tornam mais agudas.

O homem Barroco pode ser descrito, segundo Ayala, como sendo alguém que vive uma tensão interior na busca por novas formas de expressar sua sensibilidade, seu respeito a Deus, ao mundo e a si mesmo.

El hombre vuelve a vivir una tensión pre-renascentista o medieval cristiana: a tensión entre todo y nada, finito y infinito, cuerpo y alma, mundo y cielo. Pero ahora vive estas tensiones

¹⁶ ÄCKER, *The Baroque Vortex*, p.5 –8

¹⁷ CAVALCANTE, *Op. Cit.*, p. 297

o problemas sin la ingenuidad del hombre medieval, porque el hombre del Barroco es capaz de ver las cosas desde dentro de ellas mismas, conoce su funcionamiento.¹⁸

Trata-se, portanto, de um homem agitado pelas circunstâncias que o rodeiam, suas atitudes, concepção de tempo e espaço são determinadas pela situação em que se encontra.¹⁹

Diante desta tensão vivenciada pelo homem barroco, Gracián desenvolve seus textos tratando dos mais variados temas, de literatura à moral, passando por filosofia, política e história. O autor espanhol trabalha com a Espanha em que vive, com a monarquia absoluta de Filipe IV, com o homem e com a liberdade. Alguns dos superiores religiosos de Gracián consideraram suas obras um pouco rebeldes, pois com elas o autor pretende introduzir algumas mudanças de comportamento (social, político, entre outros) que o seu presente exigia. No caso específico de *A Arte da Prudência* é possível encontrar a aprovação da obra pelo Padre M. FR. Gabriel Hernandez, Catedrático de Teologia da Universidade de Huesca, da Ordem de Santo Agostinho. Esta aprovação é significativa, pois mesmo que Gracián dirigisse os seus textos à determinados leitores, a aprovação religiosa era necessária. Deste modo pode-se notar mais uma vez o caráter e a relação entre os aspectos políticos e o religioso/ moral presente nos trabalhos de Gracián.

Declaro que (...) vi este livro intitulado Oráculo Manual e a Arte da Prudência excerto das obras de Lorenzo Gracián, publicadas por Don Vicencio Juan de Lastanosa. (...) Nada tem que contrarie nossa santa fé, é um espelho da razão, moderna maravilha dos acertos; nem é escolha para os costumes cristãos, e sim um discreto realce das ações em que o engenho possa admirar o que o juízo logra.

A centralização do poder nas mãos do rei e o fortalecimento do sistema absoluto no século em que Gracián vive é muito significativo. “Ao longo do século XVII consolida-se a centralização e afirmação do poder absoluto nas monarquias européias.”²⁰ Pode-se notar, então, que a escolha dos temas dos trabalhos é um reflexo da vida em sociedade daquele período.

¹⁸ AYALA, *Op.cit*, p. 295. “o homem barroco volta a viver uma tensão pré-renascentista ou medieval cristã: a tensão entre o todo e o nada, finito e infinito, corpo e alma, mundo e céu. Porém agora vive estas tensões ou problemas sem a insegurança do homem medieval, porque o homem do barroco é capaz de ver as coisas desde dentro delas mesmas, conhece seu funcionamento.”

¹⁹ ARGAN, *Op. Cit*, p. 69/ 70.

²⁰ CAVALCANTE, *Op. Cit*, p. 297

Assim, a monarquia absolutista se converte em princípio, ou melhor, (...) em chave de abóbada do sistema social: estamos diante do regime de absolutismo do Barroco, no qual a monarquia coroa um complexo de interesses senhoriais restaurados, apoiando-se no predomínio da propriedade da terra, convertida na base do sistema.²¹

Norbert Elias em *A Sociedade de Corte* trabalha com a corte de Luis XIV na França, porém acredito que exista uma certa convergência entre a corte espanhola e a francesa do século XVII. Não é possível, contudo, generalizar a obra do autor germânico e acreditar que ela retrata a realidade espanhola, mas algumas indicações podem nos ser pertinentes. Segundo Elias o absolutismo e a corte foram formados pela transformação dos guerreiros em cortesãos²², que diante das dificuldades que tinham para se manter militar e economicamente tiveram que recorrer ao rei para conseguir seu sustento; é neste processo que ocorre a transformação do guerreiro em cortesão. “vemos como, passo a passo, a nobreza belicosa é substituída por uma nobreza domada, com emoções abrandadas, uma nobreza de corte.”²³ Contudo, na lógica da corte, a dependência dos nobres ao rei, não é entendida de modo depreciativo, mas ao contrário, é visto como uma forma de prestígio social de uma classe superior, ou seja, quanto maior a dependência de um nobre e sua família em relação ao rei, maior é seu prestígio social perante o resto da sociedade.

A transferência do controle tributário dos nobres para o rei, bem como o monopólio da violência pelo mesmo, possibilitou ao monarca criar uma situação ainda não vivenciada em toda a Europa baseada na troca. Ou seja, em troca do monopólio fiscal e das armas o rei concedia alguns privilégios aos nobres, como por exemplo o seu sustento e de sua família na corte e a isenção do encargo fiscal, que recaía sobre o terceiro estado: a burguesia e camponeses. Foi, portanto, a formação da corte que permitiu ao governante realizar a centralização fiscal e militar e ao mesmo tempo tornar seu poder absoluto.

Maravall descreve o estado absoluto:

Estamos aqui en presencia de un absolutismo monárquico que penetra en el regime social, lo informa y dirige la monarquia (...) elega a convertirse, cada vez más, en base única de

²¹ MARAVALL, *Op. Cit*, p. 76

²² ELIAS, *O Processo Civilizador*, Volume II, Parte II, capítulo IV.

²³ ELIAS, *Idem*, p.216.

sustentación del sistema, en algo así como el único centro del que parte la corriente vital del mismo²⁴

A monarquia absoluta é uma forma de governo rígida, onde a ascensão social é limitada e a liberdade dos indivíduos está ligada ao sistema de interdependências, pois ele é determinante para estabelecer os limites individuais. Elias baseia sua teoria em três princípios aparentemente paradoxais: o primeiro é que a separação social é inversamente proporcional a separação espacial, pois os nobres convivem diariamente com seus criados, do mesmo modo que o monarca estabelece sua supremacia diante dos nobres, mas vive em contato com eles cotidianamente na corte. O segundo paradoxo apresentado é que o ser social é identificado com sua representação e esta situação marca a economia da sociedade que se baseia na ostentação, uma vez que cada membro tem suas despesas mensuradas pela posição social. Finalmente o terceiro fundamento é relacionado à diferenciação entre a aristocracia e a burguesia, pois apenas aceitando a sua condição de dependência do monarca que a nobreza se torna socialmente superior em relação à burguesia, forma-se, assim, uma superioridade pela dependência.

O duplo monopólio fiscal e da força, acima mencionado, foi trabalhado por Roger Chartier no prefácio de *A Sociedade de Corte*, mas é acrescentado à ele a função que a etiqueta possuía, pois ela também contribuiu para a formação dos instrumentos de dominação do rei²⁵. A etiqueta atribuía um valor a cada ação nas cerimônias, revelando o prestígio daqueles que participavam para os demais membros da sociedade. Era ela que determinava o lugar de cada indivíduo na sociedade e que contribuiu para o respeito uns dos outros.²⁶ Deste modo, o monarca possui uma margem de manobra para alterar o prestígio das pessoas na corte como melhor lhe convém e desse modo aumenta a sua autoridade sobre os demais.²⁷

²⁴ MARAVALL, *Estado Moderno y Mentalidade Social*, p. 300. “estamos aqui na presença de um absolutismo monárquico que penetra no regime social, o informa e dirige a monarquia (...) chega a converter-se, cada vez mais, na base única de sustentação de sistema, em algo assim como o único centro da qual parte a corrente vital do mesmo.”

²⁵ ELIAS, *A Sociedade de Corte*, p. 132

²⁶ RIBEIRO, *A Etiqueta no Antigo Regime*, p.9

²⁷ RIBEIRO, *Idem*, p 78

A etiqueta disciplinarizou a conduta dos membros da corte, impondo-lhes um comportamento, controlando suas emoções, racionalizando sua conduta e regulando as relações sociais submetidas a novas formas de competitividade.²⁸

Portanto, é necessário entender que a corte em si mesma representa a razão de estado que viabiliza a governabilidade do rei, uma vez que determina a posição social de cada nobre e passa a gerar uma competição social. Nas palavras de Cavalcante:

A lógica do prestígio significava que quanto maior fosse o grau de dependência de um nobre em relação ao rei, ou seja, quanto mais elevada fosse a pensão e os favores que recebia, maior o seu prestígio em relação ao demais membros da sociedade de corte. (...) As benesses, títulos e favores reais não sendo vitalícios nem hereditários, eram elementos de constante disputa, rivalidades e concorrência entre os membros da sociedade de corte. Este era o mecanismo por meio do qual o monarca reproduzia e individualizava o seu poder, manipulando o antagonismo e a competitividade entre os nobres.²⁹

Portanto, pode-se notar pela citação acima, que a disputa entre os próprios nobres era parte essencial do mecanismo do sistema absolutista. A manipulação do antagonismo é o que permitia ao soberano absoluto exercer sua função, uma vez que o monarca estava sujeito ao equilíbrio das tensões e das forças dessa classe. Para bem governar, o rei absolutista deve sempre se basear nos sentimentos alheios.

(...) deve explorar com cuidado as tensões, suscitar os ciúmes e as invejas, mantendo com isso, diligentemente, as dissensões dentro dos grupos, e orientar suas metas e sua pressão. (...) orientando e movendo as tensões; e nessa tarefa entra sempre um alto grau de cálculo.³⁰

Pode-se entender esta noção de cálculo relacionada à razão artificial. O sistema de corte não permite mais que o homem se guie pela razão natural e por isso a etiqueta se torna importante, pois a necessidade de criação de um autocontrole pelos homens é fundamental, é ele que permite e facilita a vida em sociedade, mas para tanto é necessária uma repressão dos sentimentos que deixaram de ser expressados naturalmente.³¹ A etiqueta passa a ser considerada uma *auto-representação*³², que condensava duas

²⁸ CAVALCANTE, *Op. Cit.* p.301

²⁹ CAVALCANTE, *Op. Cit.* p. 299.

³⁰ ELIAS, *Op. Cit.* p. 136

³¹ HANSEN, In, Novaes, Adauto (org.). *Libertinos Libertários.* p. 93

³² RIBEIRO, *Op. Cit.* p 88

funções: uma social e outra política, pois essas realidades estavam intrinsecamente ligadas, sua importância era grande e sua existência indispensável para esta sociedade, segundo Elias:

*A etiqueta tinha uma função simbólica de grande importância na estrutura dessa sociedade e dessa forma de governo.*³³

Esta sociedade não admite nenhum tipo de surpresas ou espontaneidade, por isso a regra de comportamento e a etiqueta se tornam indispensáveis. O autocontrole demonstra a racionalidade própria, e segundo Elias a competição da vida de corte obrigaria um controle das emoções em favor de uma atitude calculada. Esta racionalidade de corte, só era possível por conta da interdependência social, pois servia para calcular as chances de aumento do prestígio, que nesta sociedade era um instrumento de poder.³⁴ A etiqueta não significa com nos dias de hoje que o indivíduo é uma pessoa educada, mas sim que alguém quer obter prestígio, deste modo a etiqueta é inserida numa “estratégia política”³⁵.

A etiqueta determinava uma lógica de corte, onde cada pessoa de cada classe reconhecia seu lugar na sociedade e respeitava a dos outros. Assim, “as boas maneiras são eficientes na relação com os outros, na criação de um mundo agradável e de uma dominação política.”³⁶ Portanto, o homem de corte e que se utiliza da etiqueta, possui plena consciência de seu valor como uma forma de estratégia política para obter prestígios do monarca.

Se todos cumpriam a etiqueta contrariados não podiam romper com elas; e não só porque o rei exigia a sua manutenção, mas porque a existência social dos indivíduos estava ligada a ela.³⁷

Philippe Beaussant faz uma associação entre a sociedade de corte, sua etiqueta e a razão artificial produzida com a dança. Segundo ele, a dança barroca é um instante onde a aparência é perfeitamente controlada e modificada, cada gesto, movimento, cada atitude e

³³ ELIAS, *Op. Cit.*, p. 102

³⁴ ELIAS, *Idem*, p. 125, 126, 127.

³⁵ RIBEIRO, *Op. Cit.* p.23

³⁶ RIBEIRO, *Idem*, p18

³⁷ ELIAS, *Ibidem*, p. 104

cada passo, são estudados e medidos, uma clara representação do artifício humano, onde a regra está acima da naturalidade.

Neste ambiente, onde predomina uma razão artificial de sociabilidade, a educação ocupa uma posição destacada, pois ela permitiria às pessoas construir uma técnica de representação verossímil, ou pelo menos adequada às ocasiões impostas pela vida social. Aqui introduzimos o tema do discernimento.

Era fundamental ao Discreto adequar-se às mais diferentes situações do cotidiano. Para atingir tal objetivo este homem deve ser guiado pela discrição. Esta discrição é entendida por Gracián como sendo sinônimo de discernimento, ou seja, cabe ao Discreto identificar as circunstâncias para, então, eleger a melhor maneira de se comportar, sendo, inclusive, apto, a fingir a falta de discernimento e de discrição quando achar conveniente e necessário. Segundo João Adolfo Hansen:

Segundo lugar-comum corrente no século XVII, quando se está entre vulgares também não é discreto demonstrar discrição, devendo-se aplicar o fingimento de vulgaridade para obter a aprovação dos vulgares e domina-los.³⁸

Neste sentido, era imprescindível que o Discreto possuísse uma dada qualidade intelectual que o permitisse tratar de qualquer assunto, pois deveria ter habilidade para deixar aflorar toda sua sabedoria e ao mesmo tempo deveria saber ocultá-la. Para que este discernimento fosse passível de ser posto em prática, o Discreto deveria possuir uma outra capacidade. O conceito a ser introduzido aqui era muito difundido na Espanha do século XVII, e abundantemente utilizado por Gracián, trata-se da noção de *engenho*, já mencionado anteriormente. O *engenho* é definido por Hansen como sendo o talento intelectual da invenção, para Argan é sinônimo de imaginação. Segundo Maravall, o *engenho* é uma característica do intelecto humano, base do ato de entendimento e que é passível de variação. Portanto, o *engenho* está relacionado a capacidade criativa e imaginativa do Discreto, a partir dele que serão desenvolvidos diversos aspectos culturais e sociais.

Fumaroli em *L'histoire de la Rhetorique*, trabalha com outro termo fundamental para a leitura das obras de Gracián: o conceito de agudeza que aparece como algo natural

³⁸ HANSEN, *Op. Cit.*, p.84

derivado do engenho.³⁹ Segundo o mesmo autor, para Gracián, a agudeza é concebida como sendo um ato de entendimento, expressando uma correspondência entre dois objetos, ou seja, a associação de objetos permitiria a compreensão da realidade.⁴⁰ No artigo de Hansen sobre o *El Discreto*, a agudeza aparece como um padrão intelectual de pensamento e ação, caracterizado pela metáfora – manifestação escrita do artifício humano –, que condensaria dois ou mais conceitos, de modo inesperado e irônico.⁴¹ Já no livro *Sátira e Engenho* a agudeza é apresentada como capaz de aproximar e fundir conceitos distantes e externos, de forma a interagi- los como um misto.⁴² De todo modo deveria funcionar como síntese da situação e caberia ao Discreto formular agudezas engenhosas. Há, assim, uma correspondência entre os entendimentos de Fumaroli e Hansen. Podemos encontrar, ainda, definições destes conceitos, na obra de Umberto Eco:

um dos traços caracterizantes da mentalidade barroca é a combinação de imaginação exata e efeito surpreendente, que assume diversos nomes – agudeza, conceptismo, Wit, manirismo – e que encontra sua mais alta expressão em Gracián.(...) os conceitos, mesmo não tendo forma própria, devem outrossim ter sutileza ou acuidade capaz de surpreender e penetrar na alma do ouvinte. A agudeza exige a mente desperta, engenhosa, criativa, capaz de ver conexões com a faculdade do engenho invisíveis ao olho comum.”⁴³

Acker, por sua vez, apresenta a agudeza como sendo amplamente utilizada durante a segunda metade do século XVII e como sendo uma forma de seu criador demonstrar, ao leitor, seu engenho e seu conhecimento sobre a dificuldade de trabalhar com imagens contraditórias para criar uma terceira noção.⁴⁴ Portanto, a agudeza pode ser manifestada no âmbito literário e intelectual e permite que a associação de idéias opostas crie um novo conceito. A agudeza engenhosa deveria ser uma característica do Discreto, e através dela seria possível perceber o nível de inteligência do mesmo. Gracián pode ser considerado um representante desta prática de agudeza engenhosa, pois ele é capaz de fundir conceitos e idéias (algumas vezes opostos) para criar uma terceira nação, mas ao fazer- lo usa a criatividade.

³⁹ FUMAROLI, *Histoire de la rhétorique dans l'Europe moderne*, p.522

⁴⁰ FUMAROLI, *idem*, p.526

⁴¹ HANSEN, *Op. Cit.*, p. 82

⁴² HANSEN, *Sátira e Engenho*. P. 293

⁴³ ECO, *História da Beleza*, p. 229

⁴⁴ ACKER, *Op. Cit.* p. 22

No *El Discreto*, podemos notar já desde o primeiro capítulo a importância da noção de *engenho*, pois o título do mesmo é *Genio e Ingenio* e na versão da tradução francesa aparece como *L'Esprit et le Genie*. A obra é iniciada, portanto, com o destaque da importância de ambas as características na vida do perfeito cortesão,⁴⁵ pois “um sem o outro é felicidade pela metade”⁴⁶.

Como já foi afirmado o Discreto deve possuir a faculdade do discernimento para saber agir conforme as circunstâncias da vida na corte. Para se adaptar às mesmas, era necessário fazer uso do engenho, de modo que fosse possível utilizar a imaginação e a capacidade de invenção de maneira prudente, ou seja, esta virtude permitiria, ao Discreto, realizar uma avaliação racional das atitudes alheias para que deste modo fosse possível contorná-las adaptando-se à ocasião.

Mais uma vez a razão artificial aparece como essencial para a vida em sociedade. O artifício se torna fundamental para polir a natureza humana, de maneira que “si la nature est marcher, l’homme baroque danse; si la nature est de parler, l’homme baroque se veut éloquent.”⁴⁷

Deste modo, um manual de comportamento tem uma funcionalidade muito grande na sociedade de corte, e por isso as obras de Gracián são lidas e apreciadas pelos homens do século XVII, que estavam interessados em aprender a melhor maneira de se portar e de avaliar diferentes situações para definir a melhor forma de agir tendo em vista seus objetivos. Enfim, querem compreender esta racionalidade que organizava as formas sociais. Além destes aspectos, não se deve esquecer que para o jesuíta Gracián esta nova forma de comportamento deveria ser marcada pelos ensinamentos cristãos e que seu leitor tenha a fé e o caráter necessário para se tornar um verdadeiro Discreto.

No entanto, se o Discreto deve fazer uso do seu discernimento, de sua discrição⁴⁸ para avaliar as situações em que vive e melhor adaptar-se, é necessário ser discreto e

⁴⁵ “Estos dos son los ejes del lucimiento discreto; la naturaleza los alternas y el arte los realza.” esta é a abertura do texto na versão espanhola; na tradução francesa, a pesar de algumas transformações, o sentido original ainda pode ser encontrado. *L’esprit et le genie sont les deux fondements de notre gloire et de notre élévation. La nature ne les réunit pas toujours, mais l’art peut toujours les perfectionner où il les rencontre.*”

⁴⁶ “El uno sin el otro fue en muchos felicidad a medias.” p. 1, *El Discreto*

⁴⁷ BEAUSSANT, *Op. Cit.* p. 23 “Se a natureza é andar, o homem barroco dança. Se a natureza é de falar, o homem barroco se faz eloquente.”

⁴⁸ Segundo Hansen no artigo sobre o Discreto, a discrição é constituída pela agudeza, pela prudência, dissimulação aparência e honra. Nas monarquias absolutas do século XVII a discrição é o padrão da

engenhoso ao mesmo tempo. Portanto, concluímos que o *homem* Discreto muitas vezes tem que interpretar algo que ele não é na realidade, mas que deve parecer ser neste “vago mundo de aparências”⁴⁹

Diante destes aspectos duas afirmações podem ser feitas: a) se o Discreto deve passar por alguém que na realidade ele não é, ele está interpretando e a corte pode ser entendida como um teatro; b) se a corte é considerada um teatro a conclusão é que nesta sociedade o parecer é mais importante do que o ser efetivamente.

Inicialmente, a primeira afirmação: a corte como um teatro. Retomando o que foi trabalhado anteriormente o Discreto deve se adaptar às mais diferentes situações, assim podemos pensar numa forma de representação, pois muitas vezes o Discreto tem que se fazer passar por algo que não era a realidade. Portanto, a corte pode nos parecer como um teatro; um teatro com atores e platéia, onde a representação é fundamental. Partindo deste ponto, fica mais claro compreender porque na sociedade espanhola as festas da família real e de nobres eram celebradas nos espaços privados dos palácios, mas também se projetam pelas ruas, incorporando a população de uma forma ilusória para a esfera do poder, da qual eles não faziam parte⁵⁰, assim integrando-se como um “publico- platéia”. O teatro, seja a peça de rua ou a representação na corte, é adaptado perfeitamente aos objetivos barrocos, uma vez que é a expressão do artifício humano, neste sentido novas técnicas vão sendo aplicadas às peças de teatro como os efeitos de luz, o que permite tornar a tensão vivida pelo homem barroco evidente para o grande número de espectadores. Nota-se que a visualização ganha força nesta sociedade, seja pelo teatro ou pela aplicação da agudeza – associação de palavras e conceitos- que permitam uma melhor compreensão da realidade.⁵¹

Contudo, não era apenas a população que se tornava platéia deste espetáculo, ao contrário, as funções de ator e platéia se confundem nas mesmas pessoas, ou seja, os nobres que compõem a corte são ao mesmo tempo receptores e participantes. A festa – que no Barroco se confunde com o teatro - passa a ser “um espelho, que devolvia a cada

racionalidade de corte. A discrição é uma categoria intelectual que classifica a superioridade de ações e palavras. (p. 83) ... no século XVII a *discretio* significa a capacidade lógica e ética de discernimento, do juízo aconselhado pela graça divina. (p. 84)

⁴⁹ HATZFELD, *Op. Cit*, p.75

⁵⁰ BOEQUE, *Teatro y fiesta en el Barroco*. p. 12

⁵¹ MARAVALL, *Cultura do Barroco*, p. 369

participante seu papel e imagem no mundo”⁵² e “a forma máxima de simulação na festa barroca é a máscara”⁵³, que permite ao personagem montar um disfarce de modo a criar outro em seu lugar.

El funcionamiento del disfraz se basa en la anulación del personaje real por la presentación visual de otro distinto, frecuentemente antitético, extremo, etc.⁵⁴

As festas políticas e religiosas eram uma grande ostentação, pois nesta sociedade a cultura da visibilidade possui uma força extraordinária, elas são os verdadeiros espetáculos, que custavam somas elevadas e sempre prezavam pelo luxo e pela ostentação. Elemento constante nas festas era o fogo, verdadeira obsessão pela luz, o mesmo se passava com os fogos de artifício, toda novidade era importante para agradar o espectador. O espetáculo era completo, formado pela dança, música e canto, que ocupavam um papel importante pois ajudavam a deter a atenção do público. Os teatros e as festas realizados no século XVII, nos quais a participação dos nobres e da população era indispensável, contribuía para que a representação na corte ocorresse mas naturalmente.

Esta teatralização só se torna possível na medida em que, no absolutismo, não existe distinção entre a vida pública e privada, “não se separa, nas cortes, a vida pessoal da pública”⁵⁵, a representação acontece de forma constante, as emoções agora estão formalizadas pela etiqueta, de modo que a espontaneidade dos gestos se tornam ameaçadoras àquela ordem social e as alegrias se converteram em um grande espetáculo, que segundo Maravall possui um caráter massivo e serve ao propósito de ressaltar a grandeza e o poder da monarquia. Portanto, nesta sociedade o parecer ser se torna realidade e por isso se faz necessário aprender o autocontrole das paixões (a etiqueta), para melhor representar⁵⁶. Aqui é introduzido o segundo aspecto.

⁵² BORQUE, *Op. Cit.*, p. 44

⁵³ BORQUE, *Idem*, p. 24

⁵⁴ BORQUE, *Ibidem*, p. 25 “O funcionamento do disfarce se baseia na anulação do personagem real pela apresentação visual de outro distinto, frequentemente antitético, extremo.”

⁵⁵ RIBEIRO, *Op. Cit.* p. 8

⁵⁶ BEAUSSANT, *Op. Cit.*, p. 24 “le monde baroque est un théâtre où chaque homme joue un rôle derrière un masque (...) ne croyez pas qu’il ment, (...) son apparence, c’est tout lui-même, et il est toujours lui-même quand il change.”

Em *A Arte da Prudência*, de Gracián, a máxima 130 apresenta esta noção:

Fazer e fazer parecer. As coisas não passam pelo que são, mas pelo que parecem. Valer e saber mostrar é valer duas vezes: o que não se vê é como se não existisse. Nem mesmo a razão é venerada quando não tem cara de razão (...) a boa exterioridade é a melhor recomendação da perfeição interior.⁵⁷

E ainda em outra máxima da mesma obra este aspecto se repete:

Realidade e aparência. As coisas não passam pelo que são, mas pelo que parecem; são raros os que olham por dentro, e muitos os que se satisfazem com o aparente. Não basta ter razão com cara de malícia.⁵⁸

No primeiro trecho, pode-se notar vários temas do que vínhamos trabalhando: a discrição, que permitia ao cortesão discernir sobre o melhor momento de fazer uso da máscara, esta por sua vez introduz o aspecto da teatralização da corte que tinha a intenção de criar um personagem distinto que se adequasse àquela circunstância. Todos estes elementos aparecem no trecho e mais significativamente na frase “Nem mesmo a razão é venerada quando não tem **cara** de razão.”⁵⁹ Este trecho nos remete ainda a questão do artifício social, pois apenas ao fazer uso do artifício é que o homem pode conseguir mascarar a realidade, ou seja, a adaptação do Discreto a uma determinada circunstância só é possível através do artifício. Neste caso, o papel da arte é fingir o natural, não como uma simples cópia, pois a invenção artística supõe a introdução de algo novo, mas transformar a natureza em arte.

Na segunda citação, podemos notar que a aparência é muitas vezes mais importante do que o real nesta sociedade, pois o parecer ser se torna a realidade, por isso parecer é mais importante do que ser efetivamente.

Elias menciona em seu estudo esta importância em parecer ser. Segundo o autor, mesmo que um nobre estivesse falido era necessário que suas despesas fossem determinadas pela sua posição social e não pela quantidade de riqueza que possuísse. Um

“o mundo barroco é um teatro onde cada homem representa um papel atrás de uma máscara (...) não acredite que ele mente (...) sua aparência é exatamente ele mesmo, e ele é sempre ele mesmo quando ele muda.”

⁵⁷ GRACIÁN, *A Arte da Prudência*, p. 89

⁵⁸ GRACIÁN, *idem*, aforismo 99.

⁵⁹ Grifo meu

duque deve gastar como um duque e não como um burguês, que tem seus gastos determinados pelo volume dos negócios. A representação até as últimas instâncias é essencial, ela faz parte da vida na corte. “L’homme baroque est celui pour qui l’être et le paraître se confondent (...) le paraître et l’être doivent coïncider.”⁶⁰ Ribeiro afirma que o que marca um nobre é seu estilo de vida, e “nada, por sinal, mais barroco: o ser de um homem se confunde com sua aparência. Quem age como nobre é nobre”⁶¹

Esta noção de atuação nos remete a motivos muito típicos do Barroco: as idéias de metamorfose e de disfarce. Distanciando-se da Espanha e analisando aspectos do Barroco inglês podemos perceber que em muitos personagens, Shakespeare está o tempo todo trabalhando com o disfarce, o personagem faz parecer ser algo que na realidade não é. Ao contrário, sua atuação é para esconder sua verdadeira personalidade como recurso dos personagens para dissimular seus reais objetivos.

Se distanciarmos do enredo ficcional, esta descrição pode ser dada para o Discreto espanhol- aquele que finge algo que não é. Castilione, no século precedente trabalhou com um conceito semelhante, por ele denominado *sprezzatura*. Esta idéia pode ser caracterizada como sendo a habilidade do cortesão em não deixar transparecer o esforço e a dificuldade de suas ações, ou seja, o cortesão deve agir com graciosidade de modo a aparentar facilidade em todas as suas ações. Novamente o disfarce da verdade aparece como tema recorrente numa obra dedicada ao cortesão.

É importante, contudo, diferenciar disfarce de simulação, pois no século XVII os termos eram opostos um ao outro, sendo que o primeiro é positivo e o segundo depreciado. Para Hansen a dissimulação seria exatamente a manifestação pública da prudência⁶²:

No mundo católico, a dissimulação é entendida como uma técnica de fingimento moralmente virtuoso que oculta o que realmente existe, enquanto a simulação é dada como a técnica maquiavélica que finge a existência do que não há. Dois fingimentos, duas aparências: uma oculta a verdade e a outra produz o falso, segundo a interpretação católica.⁶³

⁶⁰ BEAUSSANT *Op. Cit.* P.22/23 “O Homem barroco é aquele para quem o ser e o parecer se confundem (...) o parecer e o ser devem coincidir.

⁶¹ RIBEIRO, *Op. Cit.* p. 19.

⁶² Nota ELIAS, *A Sociedade de Corte*, p.300, aforismo 179 de *Arte da Prudência*: a segurança da prudência reside numa moderação interior.

⁶³ HANSEN, *Op. Cit.* p. 89

Em Gracián a dissimulação aparece da seguinte maneira:

Sem mentir, não dizer toda a verdade. Não há coisa que requeira mais tento que a verdade, que é um sangrar-se do coração. Tanto é mister para sabe-la dizer quanto para sabe-la calar. Perde-se com apenas uma mentira todo o crédito da incerteza: o engano é tido por falta e o enganador por falso, que é pior. Nem todas as verdades podem ser ditas: umas porque só importam a mim, outras porque importam ao outro.⁶⁴

Portanto, a dissimulação, de acordo com as citações acima, não ia contra as regras da religião católica pois ela não produzia o falso, apenas ocultava o legítimo, disfarçando a realidade. Somente o verdadeiro Discreto tem esta habilidade de fingir algo para melhor se posicionar diante dos demais. A dissimulação está diretamente relacionada ao discernimento e ao *engenho* que, segundo Gracián, eram as bases do homem honrado devoto a Deus. Eram estas características que guiariam a conduta dos homens na terra e, portanto, levariam a salvação eterna. Por isso, as obras de Gracián se tornam relevantes, pois a partir desta concepção o jesuíta contribui na formação dos homens de bem.

A forte presença da religião católica na sociedade espanhola do século XVII, nos apresenta esta diferenciação entre a simulação e a dissimulação, baseada nos critérios cristãos. O Estado espanhol e a Igreja católica possuíam uma ligação muito próxima de auxílio mutuo. “A Espanha foi o escudo do Ocidente contra o islã”⁶⁵ de forma que a “Igreja espanhola destaca-se por seu ardor combativo”⁶⁶. Assim, o soberano espanhol apoiava-se nos preceitos religiosos para evitar qualquer mudança política ou social. Segundo Bartolomé Bennassar:

L’Inquisition a été, pour le Roi Catholique, la meilleure arme contre les fueros, soit l’agent le plus efficace de l’absolutisme (...). L’Inquisition a pu en effet servir concrètement l’absolutisme Royal et de façon plus large les intérêts de la monarchie⁶⁷

⁶⁴ GRACIÁN, *Op. Cit*, máxima 181.

⁶⁵ GRACIÁN, *idem*, p. 14

⁶⁶ GRACIÁN, *Ibidem*, p. 14

⁶⁷ BENNASSAR, *L’Inquisition Espagnole*, p.373 e 374 “A inquisição foi para o rei católico, a melhor arma contra os FUEROS, seja o dinheiro o mais eficaz do absolutismo (...) A inquisição pode com efeito servir concretamente ao absolutismo real e de maneira mais ampla aos interesses da monarquia.”

Deste modo, pode-se notar a inquisição, apesar de ser uma instituição religiosa, possui uma grande força política que era aproveitada pelo soberano absoluto para defender os interesses da monarquia.

The Holy Office was essentially the product of fear (...). In the 1530s and the 1540s it transformed itself into a great apparatus operating through delation and denunciation – a terrible machine that would eventually escape from the control of its own creators and acquire an independent existence of its own. Even if, as seems probable, most spaniards had come by the middle of the sixteenth century to consider the Holy Office as a necessary protection – a haven-sent remedy - , (...) this does not necessarily imply that they were not terrified of it. Fear bred fear, and it was a measure of the propaganda success of the Inquisition that it persuaded the populace to fear heresy even more than the institution which was designed to extirpate it.”⁶⁸

Assim, a Inquisição pôde se tornar um mecanismo passível de ser utilizado pelo poder temporal para determinar os modos de comportamento social. O rei faz uso deste mecanismo como forma de expandir seu controle sobre seus domínios⁶⁹ e desta forma a monarquia espanhola, usa a Inquisição, como um tipo de exército gratuito, para defender seus interesses. Liberdade e centralização se apresentam como duas faces da mesma moeda. De um lado a Igreja defende o livre- arbítrio em oposição às religiões protestantes que pregam a pré-determinação. A liberdade de escolha é a peculiaridade da Igreja católica, ao mesmo tempo, contudo, a centralização estabelecida pela Inquisição anula em parte esta liberdade e estabelece mais uma tensão ao homem barroco: o livre-arbítrio e a Inquisição.

... a crise religiosa do século XVI é a causa da transformação radical da relação entre o homem e o universo ocorrida no século XVII. Mesmo sem entrar na análise das razões doutrinárias das duas correntes religiosas, é claro que a unidade religiosa se desarticulou e que o homem, tendo diante de si uma alternativa, deve escolher: a escolha, é claro, não é apenas entre duas teses, mas entre dois modos de comportamento na vida (...) se a salvação pela graça é aleatória, a salvação por meio de boas ações se apresenta cheia de dificuldades

⁶⁸ ELLIOTT, *Imperial Spain*, p. 218 “O Santo Ofício foi essencialmente o produto do medo (...). Nas décadas de 1530 e 1540 ele se transformou em um grande aparato operando através da delação e denunciação – uma máquina terrível que eventualmente sairia do controle de seus próprios criadores e adquiriria uma existência independente. Mesmo se, como parece provável, a maioria dos espanhóis em meados do século XVI consideravam o Santo Ofício uma proteção necessária – um remédio enviado do Paraíso –, (...) isto não implica necessariamente que eles não sentissem medo dele. Medo produz medo e foi o sucesso da propaganda da inquisição que persuadiu a população a temer a heresia ainda mais do que a instituição que foi designada para exterminá-la.”

⁶⁹ ELLIOTT, *idem.*, p 229

e incógnitas. Os fenômenos que emergem nesse campo problemático dizem menos respeito à natureza que à existência humana e à vida em sociedade, já que esta é a condição humana.⁷⁰

As Reformas Religiosas, bem como a Contra Reforma, contribuem para a transformação deste homem barroco, que vive dividido entre o divino e o humano. Contudo, se estes aspectos aparecem como opostos são, por outro lado, complementares, uma vez que a questão da sociabilidade se faz essencial para ambos. Argan argumenta:

Como o problema do comportamento parece bem mais importante que o da natureza humana, e já que o comportamento se exprime na esfera social, a questão da sociedade e de sua organização funcional logo se apresenta como essencial. Não só a divergência religiosa, que divide a humanidade cristã em dois grupos distintos e opostos, implica a possibilidade de uma salvação ou de uma danação coletivas, dependendo unicamente da escolha inicial, mas tanto a doutrina reformada quanto a ortodoxa colocam a questão da fé e do comportamento sociais: os reformistas limitam a autonomia individual revogando o princípio do livre-arbítrio, os católicos indicam a fé e o culto de massa como as melhores defesas contra a tentação da heresia. De qualquer modo, em ambos os casos a religião se preocupa mais em dirigir as escolhas e os comportamentos humanos do que contemplar e descrever a lógica providencial do universo.⁷¹

Pensando sobre esta questão da influência provocada pela religião no modo de agir dos homens, citada a cima, é que podemos realizar uma associação entre a Contra Reforma e o mundo Barroco onde Gracián vivia. De acordo com Argan a religião, seja ela católica ou protestante, está preocupada com o comportamento dos homens, que é exibido nas cortes da sociedade absolutista, ambiente dos livros selecionados para o estudo. A ligação entre o comportamento em sociedade e os princípios da religião católica está presente na corte e são refletidas no objetivo de Gracián, ao produzir o *El Discreto* e *A Arte da Prudência*, em orientar as atitudes do homem de fé ao mesmo tempo em que busca a sua salvação.

⁷⁰ ARGAN, *Op. Cit.* p. 49

⁷¹ ARGAN, *Idem.* p. 49